

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

Franciele de Macedo de Souza

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Porto Alegre  
2020

Franciele de Macedo de Souza

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Santos.

Porto Alegre  
2020

#### CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Franciele de Macedo  
Violência doméstica e os impactos na educação: uma  
revisão bibliográfica / Franciele de Macedo Souza. --  
2020.  
43 f.  
Orientadora: Karine Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2020.

1. Violência Doméstica. 2. Mulheres. 3. Educação.  
I. Santos, Karine, orient. II. Título.

Franciele de Macedo de Souza

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

---

Profa. Dra. Karine Santos – FACED/UFRGS (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Porto Alegre, Brasil

---

Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer

---

Profa. Dra. Ana Cláudia Ferreira Godinho

*Dedico esse trabalho a todas as mulheres - adultas, adolescentes e crianças - que já sofreram ou que ainda sofrem com a violência doméstica. Suas vozes serão ouvidas.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer às pessoas que sempre estão comigo: minha mãe, Cinara, e meu irmão, Paulo Roberto. Obrigada pelo apoio de sempre, minha pequena família.

Agradeço à professora Karine por sempre acreditar em mim e por toda a ajuda e orientação. Obrigada por ser minha inspiração.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação: Danielly, Kelly, Rafael e Tamiris. Obrigada por me apoiarem e fazerem da faculdade um lugar tão especial.

Agradeço às minhas colegas de trabalho e amigas, Etiane e Thiane, pelo companheirismo, por me escutarem e por acreditarem em mim.

Agradeço à minha amiga Bruna, que mesmo distante sempre me apoiou e acreditou no meu potencial e que também me deu “puxões de orelha” quando necessário.

Sou grata à minha amiga Dayane, por estar sempre disponível e me ajudar quando eu preciso. Obrigada pela tua amizade.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha jornada até aqui. Eu não seria quem eu sou sem vocês.

Agradeço à toda minha família, aos que acreditaram em mim e aos que não acreditaram, pois me deram forças para seguir meu sonho.

Agradeço ao meu pai (*in memoriam*), que não acompanhou minha trajetória acadêmica porque foi embora cedo demais, mas que sei que dos céus me acompanha e está orgulhoso.

Agradeço à minha psicóloga que acompanhou minha reta final nesse percurso, e que é a razão de eu estar aqui hoje, mais viva do que nunca.

Por último, agradeço a mim mesma, por nunca desistir e sempre dar o melhor de mim.

*toda vez que você  
diz para a sua filha  
que grita com ela  
por amor  
você a ensina a confundir  
raiva com carinho  
o que parece uma boa ideia  
até que ela cresce  
confiando em homens violentos  
porque eles são tão parecidos  
com você*

*- aos pais que têm filhas*

*(KAUR, 2015, p. 19)*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Lista dos trabalhos encontrados no Portal da CAPES.....	23
Quadro 2 - Lista dos trabalhos encontrados no Portal Scielo.....	24
Quadro 3 - Trabalhos escolhidos para análise bibliográfica.....	26
Quadro 4 - Trabalhos e seus objetos de estudo.....	29
Quadro 5 - Metodologias utilizadas nas pesquisas.....	33



## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica que analisa a produção acadêmica sobre violência doméstica na área da educação, procurando responder ao questionamento: “Como os estudos teóricos abordam a violência doméstica dentro da área da educação?”. Para tal, são examinados quatro trabalhos, dentre eles um artigo e três dissertações de mestrado. Também é exposto um panorama de como se apresenta a situação da violência doméstica no Brasil. O foco é pensar na violência doméstica contra as mulheres e os efeitos gerados na escolarização, tendo em vista também a violência que as crianças sofrem e/ou presenciam e seus efeitos. O objetivo geral é analisar o que os trabalhos acadêmicos, na área de educação, estão discutindo sobre violência doméstica e escolarização. Para isso, foram examinados: 1) objeto de estudo; 2) metodologia e 3) resultados gerais das pesquisas. Ademais, os objetivos específicos são: 1) conhecer a produção do conhecimento existente sobre violência doméstica e escolarização; 2) conhecer o perfil das mulheres vítimas de violência doméstica; 3) analisar quais os impactos da violência doméstica para o processo de escolarização e 4) compreender os prejuízos gerados a quem presencia um ambiente de violência. Em suma, as pesquisas analisadas demonstram que a violência doméstica interfere na vida das pessoas que sofrem diretamente com a violência e na das que presenciam ambientes violentos também, de maneira que - como veremos ao longo do trabalho - pode gerar baixo rendimento escolar, atraso no desenvolvimento intelectual, comportamento agressivo, entre outros problemas.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Educação. Pesquisa Bibliográfica.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
2.1	O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....	17
2.2	ATENÇÃO À LEGISLAÇÃO.....	20
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>22</b>
3.1	TRABALHOS ANALISADOS.....	26
<b>4</b>	<b>O QUE OS TRABALHOS DIZEM SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E ESCOLARIZAÇÃO?.....</b>	<b>28</b>
4.1	OBJETO DE ESTUDO.....	28
4.2	METODOLOGIA.....	31
4.3	RESULTADOS OBTIDOS NAS PESQUISAS.....	34
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TEMA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA VEM SENDO ABORDADO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO?.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA INTRODUÇÃO

Cresci dentro de um ambiente machista, no qual constantemente ouvia que quem manda é o homem e que, portanto, a mulher deve obedecer sempre e fazer as tarefas domésticas sozinha. Um tempo atrás, as mulheres da minha família sequer tinham o direito de estudar. Eu nasci para quebrar esse paradigma e dizer que as mulheres não só podem como devem estudar. Dessa forma, me tornei a primeira da família a entrar para uma universidade.

Para além do contexto familiar, infelizmente também é possível se deparar com alguns discursos do senso comum quando o assunto é violência doméstica. Ouvei muito, por exemplo, que se a mulher apanha “é porque ela quer”, que provavelmente “está gostando” ou é “sem vergonha”, ou, o pior de tudo, que ela mereceu.

Discursos como esses sempre me deixavam intrigada e me faziam refletir sobre o machismo por trás dessas falas. Entretanto, antigamente eu não entendia muito bem o conceito de violência doméstica, até presenciar de perto e entender que ela nem sempre ocorre acompanhada de agressão física, visto que, inicialmente, pode se dar através de xingamentos e humilhações, até que a violência física de fato se concretize.

A partir dessa experiência que acompanhei de perto, comecei a sair da bolha em que eu vivia e comecei a perceber que a violência doméstica é um problema social muito grande, que afeta milhares de famílias e que, às vezes, vítimas estão bem do nosso lado e não percebemos ou que muitas vezes as vítimas não se identificam como vítimas, por estarem tão intimamente atreladas às situações violentas. De acordo com dados obtidos no Ministério da Saúde (2019), a cada 4 minutos uma mulher é agredida no Brasil, e a cada 11 minutos uma mulher é estuprada, segundo estatística do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)<sup>1</sup>. No ano de 2018 foram registrados mais de 145 mil casos de violência doméstica em que as vítimas sobreviveram. Segundo dados apresentados pelo Núcleo de Violência da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com o FBSP (2019), a cada duas horas uma mulher morre no Brasil vítima de violência. Nessa estatística, o

---

<sup>1</sup> É uma organização não governamental que faz análises e pesquisa as estatísticas sobre violência no país.

feminicídio está incluído. Em comparação com 2018, o número de feminicídios no ano de 2019 teve um aumento de 7,3%. De acordo com dados levantados pelo FBSP (2020), no Brasil teve um aumento de 22% nos casos de feminicídios durante a pandemia do coronavírus. Os números levantados são referentes aos meses de março e abril e foram comparados com o mesmo período do ano de 2019. Em 2019 o número era de 117 e agora (2020) passou para 143. Com isso, pode-se concluir que devido ao fato de as mulheres estarem passando mais tempo dentro de casa, elas estão passando mais tempo com seus agressores, situação que faz com que o número de feminicídios aumente. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), em julho de 2020, divulgou que dado às circunstâncias de as mulheres estarem passando mais tempo em casa com seus agressores realmente existe uma maior preocupação quanto a violência doméstica.

Quando ingressei na UFRGS, em 2016, parei de viver apenas no meu mundo e comecei a reparar nas pessoas à minha volta. Vi amigas passando por relacionamentos abusivos, em que não tinha a agressão física, mas tinha a agressão moral, que também destrói uma pessoa, visto que, entre muitas consequências, desmotiva a estudar e afeta severamente seu psicológico.

Em 2018, fiz meu primeiro estágio obrigatório na área da educação social<sup>2</sup> e comecei a me encantar por essa área. Fui percebendo que dentro da educação social eu poderia estudar o problema social da violência doméstica. O meu estágio foi realizado em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Essa instituição, além do SCFV, também possui uma casa de abrigo, onde ficam abrigadas mulheres em situação de violência doméstica. E, desde aquela época, já fiquei interessada em saber como funciona esses espaços.

A decisão de escrever toda uma pesquisa sobre violência doméstica parte então de um interesse pessoal pelo tema, tendo em vista que convivi de perto com uma pessoa que foi vítima dessa violência e que demorou anos para se libertar do agressor.

---

<sup>2</sup> A educação social é uma área do conhecimento que se ocupa em estudar e propor soluções pedagógicas a determinados problemas sociais, sobretudo em atenção a sujeitos que tiveram os seus direitos violados. (SANTOS, 2020)

Além do mais, devido ao alto número de feminicídios que ocorrem todos os dias é bastante relevante fazer um estudo sobre mulheres que estiverem nessa situação (violência doméstica), mas que não entraram para as estatísticas. Segundo dados levantados pelo FBSP, divulgados em fevereiro de 2019, nos últimos 12 meses 1,6 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativas de estrangulamento no Brasil.

Muitas vezes a violência doméstica começa ainda na infância, com crianças que presenciam ou sofrem agressão. Por isso o espaço da escola é tão importante. Afinal, muitas vezes é nesse espaço que a criança se sente protegida e confiante para denunciar a situação que vivencia. Nesse sentido, a escola precisa ter uma escuta sensível, saber interpretar os sinais, a fim de acolher tais casos e encaminhá-los junto aos órgãos competentes, quais sejam, o Conselho Tutelar ou a Promotoria da Infância e Juventude.

A violência doméstica abrange vários tipos de violências, tais como violência moral, física, psicológica, entre outras. De acordo com Dutra et al (2013):

Embora as mulheres não se mantenham passivas na relação, a violência reflete negativamente sobre sua identidade e autoestima, gerando tristeza e indignação por não conseguirem ser o que gostariam. (DUTRA et al, 2013, p. 1299)

Pouca atenção tem sido dada nas pesquisas acadêmicas para os impactos da experiência de violência doméstica na escolarização e, nos trabalhos encontrados, poucos falam do ponto de vista das mulheres. Além disso, toda essa situação muitas vezes começa na infância e é devido a isso também que há tanta importância de fazer estudos sobre esse tema, com o intuito de analisar os impactos dessa violência na vida das mulheres de todas as faixas etárias.

A partir de pesquisas entre teses e dissertações, no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>3</sup>, constatou-se que o tema da violência doméstica não é abordado com frequência na área da educação, ficando mais restrito à área da saúde, de maneira que quando se fala no tema na área da educação o enfoque tende a ser dado para os impactos da violência para as crianças e pouco se analisa as situações vividas pelas mulheres de maneira geral.

---

<sup>3</sup> Não houve recorte temporal na busca realizada.

Portanto, defendo que o tema da violência doméstica também deve ser estudado na área da educação e não somente pelas áreas da psicologia e da saúde.

A partir disso, destaco que o presente trabalho busca analisar o que os trabalhos acadêmicos referentes à área de educação apontam sobre a problemática da violência doméstica.<sup>4</sup> A pergunta direcionadora da pesquisa é “Como os estudos teóricos abordam a violência doméstica dentro da área da educação?”. Os objetivos específicos são: 1) conhecer a produção do conhecimento existente sobre violência doméstica e escolarização; 2) conhecer o perfil das mulheres vítimas de violência doméstica; 3) analisar quais os impactos da violência doméstica para o processo de escolarização e 4) compreender os prejuízos gerados para quem presencia um ambiente de violência. Para isso, será usada como metodologia uma revisão bibliográfica, a fim de compreender o panorama da produção acadêmica sobre violência doméstica e escolarização.

No primeiro capítulo da presente pesquisa, “*Violência doméstica: uma introdução*”, serão apresentadas as motivações para a escolha do tema, sua relevância acadêmica e social, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. No segundo capítulo, denominado “*Violência doméstica e educação*”, será exposto um pouco mais sobre a percepção da autora sobre a violência doméstica e o processo de escolarização, bem como a legislação sobre o tema e um estudo sobre violência doméstica e educação. No terceiro capítulo, “*Metodologia: Pesquisa bibliográfica*”, será explicada a metodologia utilizada, destacando as teses, dissertações e artigos encontrados e analisados, de forma que na seção “*3.1 Trabalhos analisados*”, serão apresentados os trabalhos que foram analisados ao longo da pesquisa. No quarto capítulo, intitulado “*O que os trabalhos dizem sobre a violência doméstica e escolarização?*”, será abordado com maior detalhamento os trabalhos analisados; por isso, tal capítulo foi dividido em 3 seções: objeto de estudo, metodologia e resultados das pesquisas. Para finalizar, no quinto capítulo “*Considerações finais: o tema violência doméstica vem sendo abordado no campo*”

---

<sup>4</sup> A proposta de pesquisa que inicialmente havia sido delineada prevendo um trabalho de campo foi alterada por ocasião da pandemia que surpreendeu a todos neste ano de 2020. Com a impossibilidade de realização do trabalho de campo, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica, mantendo o foco da pesquisa, mas adaptando seus objetivos e metodologia. Cabe destacar que o projeto de pesquisa inicial já havia sido aprovado pela Comissão de Pesquisa da FACED e tramitava no Comitê de Ética para posterior produção dos dados em campo.

*da educação?”* será feita uma retomada da pergunta foco de pesquisa e a exposição das considerações finais a respeito da temática e dos trabalhos encontrados.

## **2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E EDUCAÇÃO**

De acordo com as leituras realizadas para elaborar essa pesquisa, é possível afirmar que a violência doméstica é caracterizada como um ato de violência que acontece dentro do ambiente familiar, em que os agressores são pessoas próximas à vítima (geralmente os agressores são os maridos e/ou companheiros), tendo como consequência danos morais, físicos, sexuais, econômicos e psicológicos (MADALUZ, 2015).

A violência doméstica se apresenta como um ciclo de violência, o qual começa com insultos, humilhações e intimidações; em seguida ocorre a ameaça e, por fim, a violência em si, isto é, a agressão física. Após esse ciclo, há o período popularmente denominado de “lua de mel”, em que o agressor demonstra para a vítima que se arrependeu. Entretanto, após esse período mais ameno surge um novo conflito e, por consequência, assim começa um novo ciclo de violência. Algumas mulheres conseguem se libertar desse ciclo, outras, infelizmente, acabam sendo vítimas de feminicídio (CORNAGLIA, 2010).

Nem sempre a agressão física está presente em um relacionamento violento, muitas vezes existem outros pequenos sinais que passam despercebidos e/ou são ignorados. Um relacionamento é abusivo quando o companheiro exerce poder sobre a companheira, é autoritário, não deixa a mulher trabalhar e/ou estudar ou quando as relações dos trabalhos domésticos são desiguais em casa etc. (CORNAGLIA, 2010). Embora, existam diversos tipos de relações violentas, o foco, neste trabalho é a violência do homem contra a mulher.

Muitas mulheres passam anos em uma relação assim e nem sabem que estão em uma situação de violência. Para elas aquela vivência é tão comum que sequer se dão conta do abuso que estão sofrendo. Inclusive, se outras pessoas de fora tentam alertá-las, muitas vezes elas não escutam, pois acham que aquilo é normal, afinal, muitas já têm um histórico de violência familiar, de maneira que assimilaram que esse tipo de tratamento é algo inerente às relações conjugais (já

que viam desde pequenas sempre o pai mandando na mãe e/ou agredindo-a, por exemplo).

Segundo pesquisa feita no Portal da CAPES, a violência doméstica não aparece com frequência na área da educação, pelo menos não do ponto de vista das mulheres especificamente. Na busca feita, procurou-se por trabalhos específicos da área da educação, tendo os seguintes descritores: “violência doméstica” e “educação”. Quando aparece, tende a ser a partir da perspectiva das crianças que vivem em um ambiente de violência. Todavia, vale destacar que tais mulheres que estão nessa situação de violência um dia já foram crianças e que talvez elas já possuísem contato com ambientes violentos desde a infância, de modo que por isso muitas vezes os ambientes onde elas vivem quando adultas já são naturalmente violentos também, como se tivessem seguido uma construção histórica. Na dissertação de Madaloz (2015), a autora cita Saffioti (1997, p. 51), que afirma: “A violência é um comportamento aprendido, crianças vítimas de violência apresentam maior probabilidade de se tornarem adultos violentos do que as não vítimas”. Diante disso, vemos que a área da educação tem um espaço para discutir sobre violência doméstica e questões de gênero. Para tal, é preciso pensar os papéis que o homem e a mulher desempenham na sociedade.

O comportamento de uma criança que presencia um espaço com violência doméstica, de acordo com o pensamento de Saffioti (1997), vai ser diferente de uma criança que presencia um ambiente saudável, repleto de amor e cuidado. Sendo assim, a criança também acaba por reproduzir comportamentos violentos, inclusive dentro da escola, e, muitas vezes, esse tipo de comportamento permanece durante a vida adulta.

Temos como premissa, a partir do estudo da literatura sobre violência doméstica, que a melhor forma de romper com um ciclo de violência é através da educação. Quando falamos em direito à educação, estamos falando de um fenômeno recente, dado que a universalização da educação, no Brasil, ocorreu com muitos percalços, a partir dos anos de 1980. De acordo com Tavares e Nery (2016):

Quanto o direito à educação, embora garantido constitucionalmente, não se materializa para muitas mulheres devido às desigualdades arraigadas no tripé da denominação-exploração formado pelo patriarcado, racismo e capitalismo. Tal condição constitui uma violação do humano direito à



escolarização, pois ainda que adentrem as instituições escolares, não conseguem nelas permanecer. (TAVARES; NERY, 2016, p. 242)

Pelos dados levantados por Lima (2018), no estado de São Paulo mulheres escolarizadas denunciam com mais frequência os casos de violência doméstica, se comparado com as não escolarizadas. Na pesquisa, a autora não chega a destacar essa informação como foco, mas pelos números apresentados, torna-se possível perceber que as mulheres que foram à justiça tinham mais anos de escolaridade do que as que não foram. Segundo a autora: “O perfil das mulheres que acessaram o sistema judiciário é branco (60,7%), com 52,7% delas com doze ou mais anos de estudo e relativamente jovem, sendo que 79,6% têm entre 20 e 44 anos.” (LIMA, 2018, p. 87)

Portanto, compreender que o processo de escolarização faz parte do desenvolvimento humano é fundamental para analisar os impactos do seu rompimento precoce nas vidas das pessoas.

## 2.1 O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

O processo de escolarização possui uma importante função social, pois garantindo a apropriação de conhecimentos pelos estudantes o processo de construção da cidadania será favorecido. De acordo com Meinerz e Caregnato (2011):

A escola, como instituição pública, laica e gratuita, surge historicamente no contexto da modernidade europeia, tendo como um dos deveres a transmissão dos fundamentos da ciência e seu ensinamento. Destacamos que, no Brasil, esse processo tem suas especificidades e realiza-se no contexto da diversidade cultural e da desigualdade social. (MAINERZ; CAREGNATO, 2011, p. 2)

Diante disso, destaca-se que mesmo que a escola seja um direito de todos, infelizmente nem todos conseguem ter acesso a esse espaço na prática. Sendo assim, é algo muito recente falar de acesso e permanência escolar. Em alguns casos, as pessoas até conseguem a oportunidade de entrar em uma instituição, mas, por diversos motivos, não conseguem permanecer. Mainertz e Caregnato (2011) afirmam:

O fenômeno do acesso da maioria dos jovens à escola é recente no Brasil e vem igualmente acompanhado pelas dificuldades de permanência e rendimento escolar. Hoje temos o acesso consolidado, mas as experiências

de evasão, do analfabetismo funcional e da baixa qualidade da educação brasileira permanecem instigando nossas análises. (MAINERTZ; CAREGNATO, 2011, p. 3)

O ambiente escolar é um lugar aonde a criança não vai apenas para ter acesso aos conteúdos escolares, pois é também um espaço de relações sociais. Sendo assim, muitas vezes é dentro da escola que são encontrados casos de violência doméstica, através da observação do comportamento das crianças. Em sua dissertação, Madaloz (2015) reflete:

O espaço escolar não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos acadêmicos. A escola é um espaço onde interações de diversos tipos acontecem, resultando, de modo geral, em reflexões, conhecimentos, comportamentos, tendências, construção de redes de amigos e relações sociais. (MADALUZ, 2015, p. 15)

Diante disso, é importante estar atento aos alunos na escola, a fim de observar os possíveis sinais que possam dar de que estão vivendo em um ambiente violento ou então de que eles mesmos possam estar sofrendo algum tipo de violência.

Quando um aluno chega em uma sala de aula, ele carrega consigo saberes que ele traz consigo - podemos chamar isso de “bagagem”. Se pensarmos em alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além das experiências de quando frequentaram a escola pela primeira vez, eles também carregam experiências de vida. Por conseguinte, quando retornam novamente à sala de aula, possuem novas visões sobre a escola e a aprendizagem. De acordo com Godinho (2012):

Uma das características da experiência escolar é a centralidade das relações que estudantes e docentes estabelecem em sala de aula. Estas são mediadas por saberes, tanto os saberes escolares - organizados no currículo do curso -, quanto os saberes produzidos em experiências não escolares - os quais denominei saberes experienciais. (GODINHO, 2012, p. 87)

Portanto, destaca-se que durante o processo educativo a trajetória dos alunos deve ser levada em consideração. Pensando na trajetória escolar das mulheres, deve-se saber que vários podem ser os motivos que as fazem interromper seu processo de escolarização. Até pouco tempo atrás as mulheres sequer estavam inseridas no mundo escolar e do trabalho. Somente no século XX as mulheres foram inseridas no mundo do trabalho, graças às reivindicações do movimento feminista (GODINHO, 2012). Ainda de acordo com a autora:

[...] o acesso ao trabalho remunerado não representa em si a emancipação das mulheres e, conseqüentemente, a ruptura de relações de desigualdade e

dependência que atinge as mesmas. A conquista do direito ao trabalho articula-se a outros direitos, dentre eles, à elevação de escolaridade, pois está permitirá o acesso a ocupações com maiores remunerações e melhores condições trabalhistas. Direito estes, historicamente negados às mulheres brasileiras. (GODINHO, 2012, p. 152)

Na dissertação de Madaloz (2015) é apresentada a opinião de Vygostsky sobre o conhecimento e a aprendizagem. A autora afirma:

A aprendizagem alimenta o processo de desenvolvimento, e é na cultura e na história, por meio de aprendizagens, marcadas por significações sociais, que o indivíduo se constrói, ativamente, como sujeito de seu mundo. (MADALUZ, 2015, p. 61)

Com isso, pode-se inferir que o momento da aprendizagem escolar é muito importante para a constituição do sujeito, pois a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento humano. Dessa forma, conclui-se que quanto maior o nível de escolarização de uma mulher, menor são as chances de ela permanecer em um relacionamento abusivo. Como mostra o estudo de Lima (2018), a maioria das mulheres que vão à justiça tem um nível de escolaridade mais alto, 47,3% das participantes da pesquisa tiveram até 10 anos de estudo e 52,3% tiveram 11 anos ou mais. A autora também menciona os motivos que leva uma mulher a desistir da denúncia:

A mulher em situação de violência sente vergonha, temor de novos atos violentos e impotência. Além disso, o medo de reviver o trauma, a inversão da culpa, a dependência econômica e emocional, a violência institucional e a crença na mudança do parceiro são grandes fatores que as desencorajam de tomar a decisão de deixar a relação abusiva. (LIMA, 2018, p. 41-42)

Devido a isso, as mulheres vão então em busca de escolarização para conseguirem melhores oportunidades para ingressar em profissões mais valorizadas. Godinho (2012) afirma:

Ligada a ocupação do mundo do trabalho, a busca por escolarização foi uma das estratégias adotadas pelas mulheres para ingressar em profissões mais valorizadas na divisão social do trabalho. A busca pelo direito à educação não se restringiu à escolarização básica, mas abrangeu também o meio universitário e científico. (GODINHO, 2012, p. 156)

Assim sendo, nota-se a importância do espaço escolar e acadêmico para as mulheres que buscam a superação da violência doméstica.

## 2.2 ATENÇÃO À LEGISLAÇÃO

É importante ter conhecimento do que a legislação fala sobre a violência doméstica, a quais órgãos uma pessoa pode recorrer em casos de violência etc.

No âmbito Nacional temos a Lei 11340/06, conhecida como “Lei Maria da Penha”. Essa lei foi criada no Brasil, em 2006, e recebeu esse nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, uma das tantas mulheres vítimas de violência doméstica. A lei criou mecanismos para prevenir a violência doméstica contra as mulheres. Segundo o Art. 3º da lei:

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2006, Lei nº 11.340)

No Brasil há também a Secretaria de Políticas para Mulheres, do Governo Federal, que foi criada em 2003, a qual estabelece políticas públicas que garantem os direitos das mulheres. Ademais, existe a Central de Atendimento à Mulher, que funciona 24 horas por dia e pode ser acionada de qualquer telefone do Brasil. A central opera em sigilo e tem um atendimento humanizado. Dessa forma, se uma mulher estiver em situação de violência, basta discar 180 no telefone e será orientada sobre os seus direitos. No mais, para a prevenção da violência doméstica foi lançado em 2007, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Pacto Nacional pelo enfrentamento à Violência contra a Mulher. O pacto orienta a execução de políticas para o enfrentamento à violência contra as mulheres, em um sentido de prevenção e combate à violência e à garantia de direitos.

A partir de uma pesquisa, feita dentro do próprio google, sobre as casas-abrigos de Porto Alegre, foi encontrado o projeto de lei nº 102/2019, feito pelo deputado estadual Juliano Franczak, mais conhecido como “Gaúcho da Geral”, o qual dispõe sobre a regulamentação e criação das casas-abrigo no Rio Grande do Sul para mulheres vítimas de violência doméstica e familiar. Conforme consta no Art. 4º do projeto da lei:

As mulheres acolhidas nas Casas de Abrigo deverão receber assistência psicossocial, jurídica, de alimentação e estadia, fornecidas através das instituições Municipais e Estaduais de auxílio, que possibilitem a sua reintegração à sociedade num prazo de 90 (noventa dias) após o seu ingresso. (BRASIL, 2019, Projeto de Lei nº

Dentro de Porto Alegre, além das casas abrigo, existe também a Delegacia da Mulher, especializada para o atendimento de mulheres vítimas de violência. No mais, desde 2018 encontra-se a Casa de Referência Mulheres Mirabal como um local que acolhe mulheres que sofreram violência doméstica e seus filhos.

Recentemente o presidente Jair Bolsonaro vetou a obrigação dos hospitais notificarem suspeitas de violência contra a mulher. Antes o projeto determinava que as unidades de saúde tinham até 24 horas para avisar a polícia; agora a exigência é de que isso ocorra somente para os casos confirmados. Tal alteração na referida medida é um problema, já que nem todas as mulheres procuram a polícia, por medo dos agressores e receio de não serem ouvidas, mas quando machucadas procuram uma unidade de saúde para tratar as lesões, de maneira que os próprios profissionais de saúde podiam denunciar suspeitas nesses casos.

### 3 METODOLOGIA: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A fim de analisar os estudos relacionados à violência doméstica na área da educação optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica, visto que ela se apresenta como “[...] procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas poucos explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44).

Para tanto, foi realizada uma busca no portal de teses e dissertações da CAPES e artigos no *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). O critério para fazer a primeira seleção foi escolher trabalhos contemplados pelos seguintes descritores: “mulheres”, “violência doméstica” e “educação” - fosse no título, nas palavras-chave ou no resumo.

No Portal da CAPES, através de uma pesquisa com os descritores “violência doméstica” e “educação”, procurou-se especificamente trabalhos realizados na área da educação. O total de trabalhos que atendia ao critério já mencionado foi seis. Nas buscas não foram encontrados trabalhos que relacionassem a violência doméstica com o processo de escolarização do ponto de vista das mulheres - apenas do ponto de vista das crianças e dos agressores. O enfoque dado às crianças nos trabalhos é a questão da violência sexual ou a agressão em casa, enquanto os estudos sobre os homens tratavam sobre o perfil dos agressores.

Na base de dados do portal SciELO, a partir de uma busca pelos descritores “violência doméstica” e “educação”, com filtros para localizar apenas trabalhos na área da educação, em português e sem recorte temporal, o total de trabalhos encontrados foi oito.

No quadro a seguir (Quadro 1) são apresentados os trabalhos encontrados no Portal da CAPES.

**Quadro 1 - Lista dos trabalhos encontrados no Portal da CAPES**

(continua)

<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Origem</b>	<b>Título</b>	<b>Observações</b>
2008	Dissertação	Fundação Universidade Federal de Sergipe	“Violência doméstica e educação em Aracaju no século XIX (1855-1889)”.	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.
2013	Dissertação	Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	“Palmada: Educação ou Violência Doméstica?”	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Não disponível no meio digital.
2014	Dissertação	Universidade Federal de Viçosa	“Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia”.	Trabalho disponível no meio digital no Portal da CAPES.
2015	Dissertação	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	“Dores no corpo e dores na alma”.	Trabalho disponível no meio digital no Portal da CAPES.
2015	Dissertação	Universidade do Sul de Santa Catarina	“As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/ identidade: um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina”.	Trabalho disponível no meio digital no Portal da CAPES.

(conclusão)

<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Origem</b>	<b>Título</b>	<b>Observações</b>
2017	Dissertação	Universidade do Estado da Bahia	“Com o Maracá na mão, as guerreiras Pataxó vão à luta: olhares das mulheres indígenas sobre a violência doméstica”.	Não disponível no meio digital.

Fonte: SOUZA (2020)

Dos trabalhos encontrados no Portal da CAPES apenas três foram escolhidos para análise, tendo em vista que dois dos trabalhos não foram disponibilizados pelas autoras no meio digital, nem mesmo na biblioteca das universidades onde foram defendidos. A dissertação “Violência Doméstica e Educação em Aracaju no século XIX (1855-1859)” (2008) não se enquadra na presente pesquisa, pois o enfoque que se objetivou dar ao longo dessa, diferente do dado naquela, é para os dias atuais. Já a dissertação “Palmada: Educação ou Violência Doméstica?” (2013) não foi disponibilizada pela autora no meio digital, da mesma forma que a dissertação “Com o Maracá na mão, as guerreiras Pataxó vão à luta: olhares das mulheres indígenas sobre a violência doméstica” (2017) também não.

Quanto aos artigos encontrados no Portal Scielo, seguem informações abaixo (Quadro 2):

#### **Quadro 2 - Lista dos artigos encontrados no Portal Scielo**

(continua)

<b>Ano de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Link</b>
2003	“Violência vivida: a dor que não tem nome”	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	<a href="https://scielosp.org/article/icse/2003.v7n12/41-54/#ModalArticles">https://scielosp.org/article/icse/2003.v7n12/41-54/#ModalArticles</a>



(continuação)

<b>Ano de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Link</b>
2007	“Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina”	Educação e pesquisa	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1517-97022007000100002&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1517-97022007000100002&amp;lang=pt</a>
2007	“Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica”	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	<a href="https://scielosp.org/article/icse/2007.v11n21/93-103/">https://scielosp.org/article/icse/2007.v11n21/93-103/</a>
2007	“Possibilidades de uma rede intersetorial de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica”	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	<a href="https://scielosp.org/article/icse/2007.v11n23/485-501/">https://scielosp.org/article/icse/2007.v11n23/485-501/</a>
2008	“Residentes de pediatria diante da violência doméstica contra crianças e adolescentes”	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	<a href="https://scielosp.org/article/icse/2008.v12n27/737-748/">https://scielosp.org/article/icse/2008.v12n27/737-748/</a>
2009	“Ações para o enfrentamento da violência contra a mulher em duas unidades de atenção primária à saúde no Município do Rio de Janeiro”	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	<a href="https://scielosp.org/article/icse/2009.v13n28/165-174/">https://scielosp.org/article/icse/2009.v13n28/165-174/</a>
2010	“Formação e atitude dos professores de educação infantil sobre violência familiar contra criança”	Educar em Revista	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602010000500012&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602010000500012&amp;lang=pt</a>

(conclusão)

<b>Ano de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Link</b>
2015	“Concepções e práticas dos profissionais de saúde acerca da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.”	Trabalho, Educação e Saúde	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1981-77462015000500079&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1981-77462015000500079&amp;lang=pt</a>

Fonte: SOUZA (2020)

Apesar de alguns dos artigos encontrados no Portal Scielo estarem na categoria “Educação” eles são mais voltados para a área da saúde. Sendo assim, optei por analisar apenas um deles.

### 3.1 TRABALHOS ANALISADOS

Conforme já mencionado o critério para selecionar os trabalhos analisados é possuir os descritores “mulheres”, “violência doméstica” e “educação” - fosse no título, nas palavras-chave ou no resumo. Dos trabalhos encontrados na CAPES, três foram excluídos da análise, dois por não estarem disponíveis no meio digital e um por não se enquadrar no critério de escolha. Já no Scielo, dos oito trabalhos encontrados, apesar de estarem inseridos na área da educação, eram voltados para a área da saúde e por isso optou-se por analisar apenas um.

#### Quadro 3 - Trabalhos escolhidos para análise bibliográfica

(continua)

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Origem</b>	<b>Ano</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Autor</b>
“Violência vivida: a dor que não tem nome”	Artigo	Universidade de São Paulo (Departamento de Medicina Preventiva)	2003	Comunicação; Violência; Invisibilidade da violência; Violência doméstica; Mulheres maltratadas.	SCHRAIBER, 2003.

(conclusão)

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Origem</b>	<b>Ano</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Autor</b>
“Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia”.	Dissertação	Universidade Federal de Viçosa (Programa de Pós Graduação em Educação)	2014	Violência doméstica; Gênero; Polícia; Subjetividade.	SANTOS, 2014.
“Dores no corpo e dores na alma”.	Dissertação	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências)	2015	Violência doméstica; Mulheres; Educação.	MADALOZ, 2015.
“As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/ identidade: um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina”.	Dissertação	Universidade do Sul de Santa Catarina (Programa de Pós Graduação em Educação)	2015	Constituição do sujeito/ identidade; Violência doméstica; Crianças e adolescentes.	RAHIM, 2015.

Fonte: SOUZA (2020)

## 4 O QUE OS TRABALHOS DIZEM SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

Com o intuito de responder a pergunta “Como a violência doméstica interfere na educação, trazendo prejuízos a quem sofre com a agressão e também a quem presencia um ambiente de violência?”, elaborei um roteiro para encontrar nos trabalhos selecionados: 3.1 Objeto de Estudo, 3.2 Metodologia e 3.3 Resultados obtidos nas pesquisas.

### 4.1 OBJETO DE ESTUDO

Os trabalhos analisados têm como objeto de estudo a violência doméstica. Em três dos trabalhos o enfoque é dado às mulheres, enquanto no outro o foco é na criança e no adolescente. Em tais pesquisas os autores buscam explicar o conceito de violência doméstica e a partir de um estudo mostrar as consequências físicas, sociais e morais que essa violência causa.

No caso de Schraiber (2003), o espaço onde a pesquisa se desenvolveu foi no Centro de Saúde Escola Samuel Barnsley (CSEB), localizado no bairro Butantã, na Zona Oeste de São Paulo. Já Madaloz (2015) realizou a sua pesquisa no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), em Panambi, no estado do Rio Grande do Sul. Por sua vez, Santos (2014) desenvolveu sua pesquisa na Delegacia de Polícia Civil da cidade de Viçosa, em Minas Gerais. E, por último, Rahim (2015) teve como objeto de estudo uma Escola Estadual do sul de Santa Catarina e uma Casa Lar.

Schraiber (2003), em seu artigo “*Violência vivida: a dor que não tem nome*”, objetivou contribuir para a formulação de protocolos ou programas de assistência e prevenção, bem como conhecer a prevalência de casos entre usuárias de atenção primária, caracterizando os tipos e a severidade de violência sofridas e os agressores. De acordo com a autora, a violência sofrida pelas mulheres tem a ver com questões de gênero e desigualdades sociais.

Santos (2014), em sua dissertação intitulada *“Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia”* tem como objetivo principal compreender como é construída a queixa de violência doméstica de mulheres, levando em consideração as diferentes variáveis que incidem no momento da denúncia e para as pessoas nelas inseridas.

Madaloz (2015), em sua dissertação *“Dores no corpo e dores na alma”* apresenta como objetivos compreender a experiência de mulheres que vivenciaram situações de violência doméstica; identificar os tipos de violências que estavam expostas; perceber como essas mulheres enxergam a violência sofrida e como se percebem dentro dessa violência; descobrir qual o olhar que as vítimas possuem quanto ao agressor; as estratégias adotadas para o enfrentamento da violência a que estão submetidas e as ajudas/serviços aos quais recorrem.

Rahim (2015) em sua pesquisa *“As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/identidade: Um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina”* apresenta como objetivo estudar as consequências da violência física familiar sobre a identidade da criança e do adolescente. Os alunos dessa escola onde a pesquisa foi realizada são acolhidos em uma Casa Lar.

#### Quadro 4 - Trabalhos e seus objetos de estudo

(continua)

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Ano</b>	<b>Objeto de Estudo</b>	<b>Autor</b>
“Violência vivida: a dor que não tem nome”	Artigo	2003	Centro de Saúde Escola Samuel Barnsley, bairro Butantã, zona oeste de São Paulo	SCHRAIBER, 2003.

(conclusão)

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Ano</b>	<b>Objeto de Estudo</b>	<b>Autor</b>
“Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia”	Dissertação	2014	Delegacia de Polícia Civil da Cidade de Viçosa, Minas Gerais	SANTOS, 2014.
“Dores no corpo e dores na alma”	Dissertação	2015	CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) - Panambi/RS	MADALUZ, 2015.
“As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/ identidade: Um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina”	Dissertação	2015	Escola Estadual do sul de Santa Catarina e Casa Lar	RAHIM, 2015.

Fonte: SOUZA (2020).

Os estudos analisados apresentam contribuições importantes para a construção de uma compreensão sobre a violência doméstica. Cada trabalho, a partir de seus objetos de estudo e objetivos, traçou um panorama relevante sobre esse problema social. Dos quatro trabalhos analisados três focam na compreensão da mulher, que é também a centralidade do objeto de estudo abordado no presente trabalho. De acordo com o observado, os espaços de pesquisa são distintos e complexos do ponto de vista do atendimento e compreensão sobre a violência doméstica. Como destaque, pode-se considerar que - apesar de pequeno o escopo de análise - foi possível ter uma ideia geral de como a violência doméstica está inserida na nossa sociedade, isto é, como ela afeta as mulheres e crianças, bem

como realizar um descortinamento da falsa impressão de que essa violência está restrita à apenas uma classe ou grupo de pessoas, dado que nos mais variados espaços é possível se deparar com esse tipo de situação.

## 4.2 METODOLOGIA

Nesta seção, serão apresentadas as metodologias utilizadas pelos autores em suas pesquisas sobre o tema violência doméstica e educação. As metodologias dos trabalhos analisados são de cunho qualitativo.

No artigo de Schraiber (2003), a autora escolheu como metodologia a pesquisa mapeadora, a qual foi realizada com mulheres de 15 a 49 anos, usuárias de um serviço de atenção primária, localizado no bairro Butantã, na Zona Oeste de São Paulo. Ao todo 322 mulheres participaram da pesquisa. Ao longo do processo, foram realizadas perguntas específicas para as usuárias. A autora explica que uma pesquisa mapeadora trata-se de

[...] uma descrição primeira das questões de percepção, definição e nomeação da violência vivida, integrantes de uma pesquisa mapeadora da violência entre mulheres usuárias de serviço de atenção primária (Schraiber et. al., 2002), que teve por objetivo, na qualidade de um dos estudos pioneiros nessa aproximação, mais diagnosticá-la, demonstrar sua importância e características gerais, que construir modelos compreensivos de explicação da violência contra a mulher e suas relações com as práticas de saúde. (Schraiber, 2003, p. 46)

Por sua vez, Santos (2014) optou por realizar uma pesquisa etnográfica, de forma que ao todo 12 pessoas foram entrevistadas, sendo 8 policiais e 4 mulheres que foram acompanhadas durante o processo da realização da queixa de violência. Para isso, foram decorridos 5 meses dentro da delegacia realizando a pesquisa de campo, de modo que a autora realizou observação participante, acompanhamento dos indivíduos, entrevistas semiestruturadas, como métodos de coleta de dados. Além disso, Santos mantinha um diário de campo no qual fazia anotações. Segundo ela:

Como estratégia metodológica, utilizamos amplamente do método da Observação Participante (MINAYO, 2008), o que nos permite criar condições de estabelecer uma relação extremamente próxima com a instituição, criando uma situação de pesquisa em que pesquisador e sujeitos estão continuamente em interlocução e sendo modificados. (SANTOS, 2014, p. 11)

Quanto à autora Madaloz (2015), ela optou por trabalhar em sua dissertação com histórias de vida de mulheres, a partir da utilização da metodologia do estudo de caso, a qual contou com a realização de entrevistas. Para adentrar na história de vida das mulheres, a autora precisou primeiramente criar um vínculo com elas. As mulheres que participaram da pesquisa eram atendidas na CREAS e frequentavam o atendimento psicológico. Apenas três mulheres aceitaram participar da pesquisa. Por questões éticas, a autora utilizou de nomes fictícios para se referir às participantes, sendo elas: Ana, Beatriz e Catarina. A pesquisa foi realizada entre agosto de 2014 e março de 2015. As entrevistas foram semiestruturadas e ao todo foram elaboradas 12 perguntas, com duração em torno de 60 a 120 minutos. As entrevistas eram individuais e foram gravadas. A autora fazia transcrição das entrevistas, depois entregava para cada uma das participantes fazer correções ou acrescentar informações.

Já Rahim (2015) optou por fazer um estudo de caso com crianças e adolescentes de uma escola pública, as quais eram abrigadas em uma Casa Lar. Dessa forma, foram realizadas observações, dinâmicas em grupo, acompanhamentos individuais e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa de campo foi realizada na escola e no abrigo. Seis crianças do 6º ao 9º ano participaram da pesquisa, no entanto, como o grupo não era estável, o acompanhamento foi mais intenso com apenas duas. O restante não permaneceu até o final da pesquisa, pois alguns foram adotados e outros voltaram para suas famílias biológicas. No mais, vale destacar que a autora não utilizou nenhum critério de seleção entre as crianças abrigadas.

De forma geral, foi interessante notar a variação metodológica utilizada por cada autora, contando com exploração da etnografia, passando pelas histórias de vida das mulheres participantes e/ou elaborando estudos de caso. Ademais, pode-se notar que das quatro pesquisas três utilizaram entrevistas semiestruturadas como um meio de coleta de dados.

No quadro apresentado na sequência (Quadro 5) segue um resumo das metodologias escolhidas pelas autoras.



**Quadro 5 - Metodologias utilizadas nas pesquisas**

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Ano</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Autor</b>
“Violência vivida: a dor que não tem nome”	Artigo	2003	Pesquisa mapeadora.	SCHRAIBER, 2003
“Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia”	Dissertação	2014	Etnografia. Para coleta de dado foram utilizadas observação participante, acompanhamento dos indivíduos e entrevistas semiestruturadas.	SANTOS, 2014
“Dores no corpo e dores na alma”	Dissertação	2015	Pesquisa qualitativa. Estudo de caso (histórias de vida). Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas.	MADALOZ, 2015
“As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/ identidade: Um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina”	Dissertação	2015	Pesquisa qualitativa. Estudo de caso. Para coleta de dados foram utilizadas observações, dinâmicas de grupos, acompanhamento individual e entrevistas semiestruturadas.	RAHIM, 2015

Fonte: SOUZA (2020)

Todos os trabalhos analisados utilizaram a pesquisa de cunho qualitativo com inserção em campo e interlocução com pessoas. Foi possível analisar que

ocorreu um cuidado ético tanto na inserção em campo, quanto na análise de dados, evidenciando uma certa sensibilidade no trato direto com mulheres vítimas de violência e o cuidado na realização das entrevistas. A dimensão da sensibilidade foi fundamental para as pesquisadoras realizarem seus trabalhos, afinal, a temática em questão trata-se de um assunto muito delicado, por abordar temas muito difíceis para as participantes. Além disso, as mulheres, as crianças e as adolescentes que participaram das pesquisas não tiveram sua identidade revelada, de modo que foram usados nomes fictícios para preservar a integridade das pessoas entrevistadas, confirmando, assim, o cuidado com o tema e com a não exposição das participantes da pesquisa.

#### 4.3 RESULTADOS OBTIDOS NAS PESQUISAS

O artigo de Schraiber (2003) aponta dados importantes sobre a violência doméstica. De acordo com o levantamento da autora, das 322 mulheres que participaram da pesquisa, 47,2% tem entre 15 e 24 anos; 47,8% se declararam brancas e 59% moravam com o companheiro. Na questão da escolaridade, 5,6% eram analfabetas; 32,3% tinham até quatro anos de estudo; 33,8% até oito anos de estudo (fundamental completo); 19,6% tinham completado o ensino médio e 8,7% tinham 12 anos ou mais de estudo. Outro dado importante que a pesquisa apresentou foi de que das 322 mulheres, 27% considera que já sofreu violência doméstica. Além disso, das violências relatadas pelas mulheres, 85% aconteceram no âmbito familiar e 15% em um ambiente não familiar. De acordo com Schraiber (2003):

Emergindo como questão social importante, mediante estudos dos conflitos familiares, a violência doméstica é mais conhecida por referência aos abusos e maus tratos que sofrem as crianças, as mulheres e os idosos. (SCHRAIBER, 2003, p. 42)

A autora chega à conclusão de que a maioria das mulheres considera que não sofreu violência, mesmo as que relatam agressão física, sexual e psicológica. As vítimas tentam explicar e/ou justificar as agressões sofridas e tratam o comportamento do agressor como algo "normal". Isso ocorre porque tais mulheres enxergam a violência sofrida como uma falha delas. Segundo a autora:

De um lado, nossa conclusão remete necessariamente para a importância de estudos ulteriores, que detalhem e aprofundem as concepções acerca da

violência pelas mulheres em geral e em especial pelas que a sofrem. De outro lado, a inclusão das temáticas comunicacionais e da melhor linguagem para alcançar os serviços e interagir com os profissionais parece ser de extrema urgência. (SCHRAIBER, 2003, p. 52)

Diante disso, nota-se que a violência doméstica se mostra como algo naturalizado. Quando mulheres que sofrem violência não a reconhecem fica ainda mais difícil de reagir e tomar a decisão de romper o ciclo. Pesquisas que identifiquem tais características ajudam a revelar o tamanho do problema e são importantes para refletir a cerca de soluções que auxiliem as vítimas no reconhecimento da violência sofrida.

No quesito atendimento à mulher, a dissertação de Santos (2014) nos ajuda a compreender as fragilidades da rede de atendimento. Com foco no atendimento em delegacias, a autora relata que foi um trabalho bem difícil, pois, segundo ela, durante a pesquisa ouviu de um escrivão que “mulher que gosta de apanhar não merece o homem que não gosta de bater”, ou seja, o ambiente que deveria ser de acolhimento para as mulheres vítimas de violência na prática muitas vezes acaba sendo um ambiente que faz justamente o oposto disso. Com isso, foi possível perceber que há um despreparo dos policiais para receber vítimas de violência doméstica. Santos chega à conclusão de que o trabalho não alcançou o objetivo de redefinir o atendimento da mulher em situação de violência na Delegacia.

Já na dissertação de Madaloz (2015) o que chama a atenção é que as mulheres vítimas de violência não dependiam financeiramente dos companheiros, situação que mostra que a questão financeira nem sempre é o motivo para uma mulher continuar em um relacionamento abusivo. Duas das mulheres entrevistadas relataram que deveriam continuar casadas devido à fé religiosa que praticavam, pois, na verdade, elas se auto culpavam pela violência sofrida. Diante disso, a autora aponta que é importante dar voz às mulheres, com o objetivo de conhecer as suas histórias de vida e assim poder realmente entender as nuances de cada caso. As três mulheres entrevistadas relataram um ciclo de violência. Segundo Madaloz (2015), as mulheres vítimas de violência, de modo geral, estão em um processo de empoderamento:

A pesquisa possibilitou identificar que as mulheres vítimas de violência doméstica estão em processo de empoderamento, apresentam perspectivas de superação do vivido, na medida em que relataram seus sonhos, planos para o futuro e desejo de viver com uma melhor qualidade de vida. (MADALUZ, 2015, p. 97)

Para Madaloz (2015), a melhor maneira de minimizar a violência doméstica é através de uma educação igualitária, uma educação que não estereotipe homens e mulheres. Em sua pesquisa, a autora cita Paulo Freire para defender que não existe educação neutra e que a educação deve ser entendida como uma prática de liberdade. Além disso, chamou a atenção da pesquisadora o fato de uma das mulheres possuir mestrado em educação social e a outra possuir o ensino superior incompleto. Isso demonstra que as vítimas não são apenas mulheres analfabetas e que dependem financeiramente dos seus companheiros como supõem o senso comum, pelo contrário, são mulheres independentes, mas que por questões religiosas, por exemplo, acabam permanecendo em um ciclo de violência doméstica.

Já em sua dissertação, Rahim (2015) observou ao longo da pesquisa que os sujeitos são vulneráveis emocionalmente, possuem dificuldade em adaptação social e escolar, e que as crianças e adolescentes possuem baixa autoestima, sentimentos como medo, insegurança e forte carência afetiva. A autora citou bastante Vygotsky para falar sobre a construção do sujeito e de sua identidade. De acordo com Rahim (2015), a escola não deve apenas transmitir conteúdos, mas sim ensinar sobre vivência também, de modo que o aluno possa aprender a pensar, refletir e criticar. Ademais, foi observado pela autora que geralmente os agressores são pessoas próximas das crianças, tais como pai, mãe, padrasto, madrasta ou pais adotivos. De acordo com o levantamento da pesquisa, 70% dos agressores são os pais biológicos.

Para encerrar, a autora apresentou uma teoria muito interessante sobre mulheres como agressoras: a Teoria de Welzer-Lang. Tal teoria defende que a mulher dominada pelo homem pratica violência como uma forma de delegação de poder. Rahim (2015) aponta que as crianças e adolescentes vítimas de violência apresentam um atraso no desenvolvimento intelectual, principalmente no quesito da inteligência verbal, condição que acaba gerando um baixo rendimento escolar. A autora reforça que é importante desfazer rótulos e afirma que quando as crianças vítimas de violência são tratadas com carinho e dignidade elas conseguem manter um relacionamento bom com as pessoas.

De forma geral, os trabalhos analisados apresentam alguns pontos em comum, como o fato de que em todos são apontados como agressores pessoas próximas à vítima e de que a maioria das mulheres entrevistadas se culpam pelas agressões sofridas, pois não enxergam que o agressor está errado e de certa forma apontam para uma lógica naturalizada da violência. No senso comum, sempre se pensa que as mulheres permanecem em uma relação abusiva por depender financeiramente de seus companheiros, porém, com as pesquisas analisadas, foi possível perceber que nem sempre esse pensamento está correto, dado o qual foi confirmado nos estudos, sobretudo naquele que investigou o atendimento de mulheres em delegacia de polícia. Outro ponto curioso sobre as pesquisas é que a questão financeira e a escolaridade não aparecem como marcadores de definição de perfil da mulher que sofre violência doméstica. Inclusive, algumas mulheres relataram que sustentavam seus parceiros e outras tinham um nível de escolaridade mais elevado do que o deles também. A questão religiosa pesa bastante para algumas mulheres (MADALUZ, 2015), bem como a dependência emocional, que faz com que tais vítimas demorem mais para sair de um ciclo de violência.

O rompimento com a violência doméstica é algo que pode levar anos, até a vítima se dar conta do que está acontecendo e querer acabar com o ciclo de violência. É um processo muito difícil, de maneira que a vítima precisa de uma rede de apoio para conseguir romper com tamanha violência. De acordo com Madaluz (2015):

A violência doméstica deixa marcas profundas na vida dessas mulheres e, embora a maioria dessas marcas sejam na alma como consequência de fatores emocionais e traumas profundos, algumas mulheres carregam consigo marcas, estampadas no corpo, da violência vivenciada. (MADALUZ, 2015, p. 97)

Portanto, o primeiro passo para o rompimento da violência é a própria mulher tomar consciência que precisa romper com tal ciclo; enquanto o passo seguinte é buscar ajuda, tanto com familiares e amigos (rede primária), quanto em redes especializadas (rede secundária) para esse atendimento. É um caminho complexo, com muitas idas e vindas, de modo que muitas mulheres levam anos para definitivamente acabar com o ciclo de violência (MADALUZ, 2015).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TEMA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA VEM SENDO ABORDADO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO?**

Retomando a questão principal da pesquisa “Como os estudos teóricos abordam a violência doméstica dentro da área da educação?” conclui-se que para os estudos que tratam sobre violência doméstica, a escolarização de mulheres é uma questão chave. Segundo Lima (2018) mulheres com maior nível de escolaridade costumam denunciar mais os casos de violência doméstica, devido ao fato de que elas têm maior facilidade para perceber o ciclo de violência em que se encontram e, por conseguinte, torna-se mais evidente a necessidade de romper com essa violência.

Portanto, acho importante destacar o quanto é relevante que a violência doméstica seja incluída nos currículos de formação de educadores, tendo em vista que a educação é uma questão chave para a superação da violência doméstica. Porém, não basta inserir apenas nos currículos da educação básica, se faz necessário trazer a discussão para o nível de graduação e pós, tendo em vista, que as mulher com esse nível de escolaridade também sofrem com a violência doméstica.

Ademais, observou-se ao longo da pesquisa o quanto que a escolarização interfere na violência doméstica, visto que as mulheres as quais sofrem com a violência doméstica apresentam problemas de saúde, dificuldades de relacionamento social, além de dificuldades de aprendizado e baixa autoestima (CORNAGLIA, 2010). A autora Madaloz (2015) menciona em seu trabalho algumas das consequências da violência física, tais como: aumento do risco de uso de drogas, problemas de aprendizagem, prostituição, depressão, dificuldades de relacionamento etc. Além disso, muitas vezes tal situação também envolve questões religiosas, pois as mulheres sentem culpa e/ou medo diante da violência vivida e por isso acabam permanecendo em um relacionamento abusivo.

Quanto à questão da educação, infelizmente existem casos de mulheres que são obrigadas pelos companheiros a pararem de estudar e/ou trabalharem e, por essa razão, muitas delas só conseguem retomar os estudos quando se

desvencilham de seus agressores. Devido a isso, para tais mulheres a sala de aula acaba sendo um espaço de resistência. Dessa forma, quando elas chegam em um ambiente escolar carregam consigo saberes, histórias e trajetórias distintas. De acordo com Godinho (2012):

Na educação de pessoas jovens e adultas essa circulação de saberes e valores é bastante ampla, pois cada estudante lida com saberes e valores adquiridos em experiências várias que conformam sua história de vida, com destaque às experiências no mundo do trabalho, mas sem reduzir-se às mesmas, haja vista que muitas alunas adultas que retomam suas trajetórias de estudos passaram períodos mais ou menos longos de interrupção dos mesmos. (GODINHO, 2012, p. 107)

Já a criança que sofre violência ou que presencia um ambiente violento, por exemplo, sofre com baixo rendimento escolar, apresenta atraso no desenvolvimento intelectual, bem como sentimentos como raiva e medo, dificuldade para confiar nas pessoas e comportamentos agressivos. Dessa maneira, confirma-se que a violência doméstica acaba impactando no processo de escolarização dos alunos da educação infantil também. De acordo com Madaloz (2015):

Dessa forma, crianças que testemunham a violência do pai contra a mãe são suscetíveis de adotarem essa mesma atitude quando adultos. Eles aprendem que a violência dos homens contra as mulheres é um comportamento aceitável e normal para resolver os conflitos familiares, sem que o culpado sofra qualquer consequência. (MADALOZ, 2015, p. 85)

De acordo com todas as leituras realizadas, torna-se possível afirmar que o tema “violência doméstica” já tem sido abordado na área da educação, embora não com tanta frequência, além de que ainda falta mais abordagens do ponto de vista das mulheres vítimas de violência. Ressalto, que ainda existem poucos estudos abordando a violência doméstica contra as mulheres e relacionando a escolarização como um meio de rompimento com a violência sofrida.

Quanto aos trabalhos analisados, vale destacar que, sem dúvidas, estudos realizados baseados em histórias de vida são muito importantes e, principalmente por abordarem temáticas referentes a mulheres vítimas de violência, acredita-se que o trabalho realizado pela Madaloz (2015) se assemelha muito com o trabalho da Josso (2004). Ambas trabalham com histórias de vida, só que de maneiras diferentes. Embora Madaloz não tenha usado Josso como referência, tal autora

também se encaixaria perfeitamente na pesquisa elaborada. No mais, como já mencionado anteriormente, os impactos da violência doméstica para o processo de escolarização são imensos, pois essa situação deixa marcas profundas em quem sofre com ela e em quem presencia as agressões.

Isto posto, destaca-se que com a presente pesquisa foi possível conhecer melhor o perfil das pessoas vítimas de violência doméstica e constatar alguns aspectos importantes: a grande maioria são pessoas do sexo feminino; nem todas dependem financeiramente dos cônjuges/companheiros ou não possuem estudo; geralmente tais vítimas são jovens; lamentavelmente muitas se culpam pela violência sofrida. Outro ponto relevante é que nem sempre a violência doméstica acontece no ambiente domiciliar, visto que, de acordo com Madaloz (2015):

Pode-se entender que a violência doméstica não se restringe ao domicílio, ao lar, ela se amplia para outros espaços, porém existem vínculos afetivos, sendo que na grande maioria dos casos há o envolvimento com as relações familiares e o espaço do domicílio. Por esta razão se caracteriza como uma questão de espaço privado. (MADALOZ, 2015, p. 42)

Como é possível observar nas últimas pesquisas (FBSP, 2020), os números de feminicídios estão aumentando cada vez mais, dado que, recentemente, em função da pandemia do coronavírus, a quantidade de casos registrados de violência doméstica disparou tendo em vista que as mulheres estão passando mais tempo dentro de casa, isto é, convivendo constantemente com seus agressores, no ambiente onde a maioria das agressões ocorrem.

Por fim, destaca-se que ao longo da pesquisa pôde-se concluir que os trabalhos acadêmicos sobre violência doméstica na área da educação estão abordando questões muito importantes, tais como os impactos que a violência causa na vida das pessoas que sofrem com ela, de maneira que têm dado maior visibilidade ao tema. Além disso, os trabalhos apresentam dados específicos sobre esse tipo de violência, explicando como ela se constitui, como as vítimas tendem a lidar com ela, entre outros aspectos; todavia, ainda há muito para se desenvolver sobre como melhorar esse problema social.

Sendo assim, as questões que ainda não foram respondidas sobre a relação da violência com o ensino oportunizam um espaço para realizar ainda mais pesquisas nessa área tão sensível e importante, a fim de formular projetos e



estratégias de auxílio e incentivo às mulheres - adultas, adolescentes e crianças - vítimas de violência doméstica a romperem com o devastador ciclo da violência em que se encontram.

## REFERÊNCIAS

BERTONI, Estêvão. **Em São Paulo, mulher escolarizada denuncia mais violência doméstica.** Folha de São Paulo, 04 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1798729-em-sao-paulo-mulher-escolarizada-denuncia-mais-violencia-domestica.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2020.

BRASIL. **Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/L11340.htm)>. Acesso em: 26 ago. 2020.

CORNAGLIA, Graciela Patrícia (Org.). Secretaria Municipal de Políticas para as mulheres. **Prevenção à violência contra as mulheres: Caderno 1 Conceitos e tipos de violência, legislação, Rede de atendimento à mulher.** São Leopoldo, 2010.

CUBAS, Marina. **Brasil registra um caso de agressão à mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento.** Folha de São Paulo. São Paulo: 09 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DUTRA, Maria de Lourdes et al. **A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 5, p. 1293-1304, 2013.

FRANCO, Luiza. **Violência contra a mulher: novos dados mostram que “não há lugar seguro no Brasil”.** BBC News Brasil. São Paulo: 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>>. Acesso em 10 nov. 2019.

G1. **No Brasil, uma mulher é morta a cada duas horas vítima de violência.** Jornal Nacional, São Paulo, 08 de março de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/08/no-brasil-uma-mulher-e-morta-a-cada-duas-horas-vitima-da-violencia.ghtml>>. Acesso em: 19 out. 2020.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **A experiência escolar de mulheres na educação profissional integrada à EJA: relações de saber em sala de aula.** Tese - Instituição de ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

JOSSO, Marie-Christine et al. **Experiências de vida e formação.** 2004.

LIMA, Tatiane Moreira. **Perfil e a distribuição espacial das mulheres que tiveram processos na vara de violência doméstica e familiar contra a mulher da região oeste de São Paulo.** Tese - Instituição de ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Rev. Katál, Florianópolis, v. 10, ed. esp, p. 37-45, 3 abr. 2007

MADALOZ, Rogeria Fatima. **Dores no corpo e dores na alma**. 24/11/2015 112 f. Mestrado em Educação nas Ciências. Instituição de Ensino: Univ. Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí Biblioteca Depositária: Mario Osorio Marques.

MEINERZ, Carla Beatriz; CAREGNATO, Celia Elizabete. **EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**. Ciências & Letras, n. 49, 2011.

MÍDIA NINJA. **Casa de referência das Mulheres Mirabal em Porto Alegre tem luz cortada**. Porto Alegre, 12 de novembro de 2019. Disponível em <<https://midianinja.org/news/casa-de-referencia-das-mulheres-mirabal-em-porto-alegre-tem-luz-cortada/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

RAHIM, Samia Torquato. **As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/identidade**: Um estudo de caso de uma escola estadual do Sul de Santa Catarina. 12/11/2015. 67 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão Biblioteca Depositária: BU Universitária – Unisul.

RIO GRANDE DO SUL. **Projeto de lei nº 102/2019, de 20 de fevereiro de 2019**. Diário Oficial da Assembléia Legislativa.

SANTOS, Ana Pereira dos. **Entre embaraços, performances e resistências**: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma Delegacia. 24/03/2014. 140 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Viçosa. Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa.

SANTOS, Karine. Educação Social. In: PERONDI, Maurício; LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; BAPTISTA, Tanise Medeiros; CARVALHO, Wesley Ferreira de. **Juventudes**: entre A & Z. Porto Alegre: Cirkula, 2020.

SCHRAIBER, Lilia et al. **Violência vivida**: a dor que não tem nome. Interface - Comunic, Saúde, Educ, [S.l.], v. 7, n. 12, fev. 2003, p. 41-54.

TAVARES, Ana Carolina Cerveira; NERY, Inez Sampaio. **As repercussões da violência de gênero nas trajetórias educacionais de mulheres**. R. Katál: Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 241-250, jul/set 2016.

UOL. **Número de casos de feminicídio no Brasil cresce 22% durante a pandemia**. Universa, São Paulo, 01 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/01/numero-de-casos-de-feminicidio-no-brasil-cresce-22-durante-a-pandemia.htm>>. Acesso em 19 out. 2020.